

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 35540 réis — Semestre, 15770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscryve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 35000 réis — Semestre, 15500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 135

SEXTA-FEIRA 17 DE OUTUBRO DE 1862

SEGUNDO ANNO



O alvo lirio das margens do Eridano, que veio recender ao Tejo os seus aromas, — a filha do rei valente e generoso, que tanto d'alma feriu batalhas para cumprir o legado de libertar a sua querida patria, — a egregia próle do rei portuguez afortunado, que primeiro fez tremular no Indo, e no Ganges, as quinas lusitanas, — a excelsa rainha emfim de Portugal conta hoje apenas os seus quinze annos.

Auspicioso foi o vôo que este anjo disferio para nós da terra Italica, porque da aureola refulgente do seu coração irradiaram sempre misericordias.

Flor mimosa, que desabrochaste embalada pelas auras perfumadas do Pó, e do Doria, nunca as tuas pétalas se crestem nos céos do Occidente.

Deixaste berço e pae; — mas saberemos dar-te tantos amores que te fujam as saudades.

Seguro penhor de venturas já sabes que tens no esposo.

O diadema que te cinge a frente, e o solio em que te assentas, seriam pouco para ti, rainha de quinze primaveras. Na patria que adoptaste adoram-se os monarchas; por isso no coração de cada portuguez tu tens, ó rainha, um throno de estremeado amor.

Que portuguez de lei, e verdadeiro, não se arroba em torrentes de jubilo neste dia tão fausto, celebrando o natal da sua nova rainha?

AVEIRO

Em nenhum paiz talvez se falla tanto e se cura tão pouco de finanças como em Portugal. Recordae as palavras de todos os ministros no momento solenne de apresentarem o seu programma; assisti ás discussões das duas camaras; lêde as folhas periodicas de todas as cores politicas; entrae mesmo em uma sala, em um café, em qualquer círculo em que se controvertam negocios publicos; em toda a parte ouvireis celebrar este assumpto como o primeiro e o mais importante de que deve tratar-se para engrandecimento e consolidação do nosso futuro economico. Algumas, ou a maior parte das vezes, serão falsas as ideias, absurdos os planos, impossiveis as reformas que se lhe propõem; mas o interesse por a regularização do nosso systema financeiro, esse é unisono, geral, uniforme, radicado em todos os espiritos, firmissimo em todas as convicções.

Consola-se a gente vendo este patriotico empenho em cousa de tão immediata utilidade. A consolação, porém, é ephemera. Todo esse empenho se cifra em palavras. Todas as brilhantes e proficuas theorias são seguidas por uma pratica de rotina, de ignavia e de imprevidencia. A nossa existencia economica arrasta-se pesadamente no meio de todos os tropeços que pode acarretar uma administração ruinosa, gravando cada vez mais o futuro, e sem conseguir adiantar um unico passo no caminho do progresso.

Será porque entre nós, apesar dos bons desejos que ha de fazer alguma cousa, não existe vocação para o assumpto? Terão razão os que dizem que nesta terra se não sabe cousa alguma de finanças? Impossivel! Ha pelo menos dois homens, que sabem por todos. E' verdade que nenhum delles ainda se atreveu a organizar a fazenda publica, nem demonstrou por uma medida rasgada, que tinha um systema seu para applicar proveitosamente ás finanças. Em quanto so-braçaram a pasta, um encostou-se preguiçosamente ao passado, contentando-se de engrimpar a sua reputação em enormes castellos de cifras; o outro limitou-se a tocar em um ponto d'administração, com mão vacillante e mal segura. Não importa. No synedrio dos homens eminentes deste paiz estão declarados aquelles dois como financeiros insignes. Tanto basta para que o sejam, e para que todos devam acreditar que o são.

Mas o que é certo, é que as nossas finanças são um cahos. Que haja ou não ideias sobre a materia, é pouco mais ou menos indifferente; mas que ellas se não reduzam á pratica, esse é o ponto importante. Nós acreditamos sinceramente que essas ideias existem; mas ideias que não ultrapassam a esphera das theorias, que se não sabem acclamar no mundo positivo. Nós, os portuguezes, somos assim em muitos outros assumptos. Mos-

tramos bem que descendemos de arabes e godos, povos de sangue quente e imaginação viva, que não sabem restringir-se aos promenores de uma vida regrada pela mais severa administração. E os negocios economicos demandam precisamente o contrario. Todas as phantasias lhe são prejudiciaes. Querem a applicação rigorosa, não de theorias brilhantes e imaginosas, mas da experiencia e d'un zelo acrisolado e prudente.

Exigem em quem os gere mais probidade que talento, mais methodo que meditação, mais dedicacão e zelo, do que largueza de vistas, e extensão de conhecimentos. Mais vale á testa das finanças de um paiz um Colbert, do que um Rousseau.

E' talvez pela applicação do systema contrario, e por se não saberem distinguir entre nós, as vocações que podiam proveitosamente administrar a fazenda publica, que ella é e tem sido sempre mal administrada. Mas um dos nossos vicios mais radicaes é tambem não saber escolher os homens, não só para aquellas funcções superiores do estado, mas para os mais vulgares empregos, para as mais subalternas occupações.

Do desarranjo das finanças tem resultado uma exploração ignobil e anti patriotica, mas que tem desgrazadamente aproveitado já mais d'uma vez. O povo sabe que os impostos que paga são mal administrados; e os especuladores politicos apontam sempre a administração actual como a mais ruinosa. Espicacão o natural egoismo do povo, incitando-o a que não pague esses impostos. E' lhe facil conseguir esse triumpho, e d'ahi o grito impio e absurdo, que já por vezes se tem soltado: *abaixo os impostos!* o qual se significasse alguma cousa, significaria: *abaixo o paiz!*

Era bem melhor que os partidos, um pouco mais moralizados, prescindissem desta deshonrosa especulação, com que todos mutuamente se prejudicam, porque todos tem igualmente administrado mal, se congregassem n'um patriotico empenho de regenerarem a administração economica do paiz. Era seguramente muito mais util a todos, que pleiteassem deste modo o seu amor pela causa publica, e procurassem adquirir as sympathias populares com serviços proprios, do que com declamações factuosas sobre defeitos alheios.

Porque é que uns e outros hão de estar tão accordes nas ideias sobre este objecto, e tão discordes, ao que parece, na pratica dellas? As ideias que todos apregoam são as mesmas, na essencia. E' verdade que se essas ideias, qualquer que seja a parcialidade donde partam, dizem igualmente: ordem, economia, aproveitamento; se os que sahem do poder proclamam sempre, que os que os substituíram as não cumprem, e em vez de ordem, economia e aproveitamento, ha cahos, desperdicio, e desmazello; o facto é, que todas as cumprem do mesmo modo, e que as cen-

suras que cabem a uns, cabem aos outros com ligeiras differenças. O que d'ahi resulta é ser sempre o paiz mal servido.

Pois, un-m-se todos, ponham termo a mal cabidas recriminações, façam sacrificio, no altar do interesse commum, das offensas reciprocas, e vamos a administrar seriamente. E' tempo de cessar com discussões improficuas, e de deixar inuteis theorias. Querem economias? Vamos a fazel-as. Principiemos por eliminar as verbas inuteis. Não nos prendamos com considerações. Verba inutil é toda aquella de que não resultar interesse real para o paiz. Destas ha muitas no organimento as quaes chegariam para vencer o deficit, e crear outras que lá não existem, e que são necessarias e proficuas. Façam isto, mas façam-no todos de mutuo accordo, porque nos parece que vale bem a pena de amnistiar os ressentimentos politicos, quando se tratar deste assumpto. Convençam-se que as finanças é um dos mais importantes ramos da nossa administração, e que em quanto ellas não estiverem solidamente organisadas, não temos progresso estavel, nem garantias de felicidade publica. Mas para isso é indispensavel desalojar deste campo a politica, que tantas vezes o invade, como planta parasita, e tem sido até aqui o seu mais mortal inimigo.

A. P.

Por occasião do regio consorcio concedeu S. Magestade amnistia geral aos que se achavam culpados no pronunciamiento de Braga, exceptuando porem os crimes de homicidio e roubo.

Esta excepção justa como é, tem merecido as mais acres censuras n'um certo bando politico, que deseja afagar os revoltosos, e organizar elementos para novas sedicções.

No entretanto a verdadeira opinião geral, acatando o acto generoso do monarcha, louva a prudencia da restricção, porque não quer que se repitam os crimes de que foram victimas o major Vasconcellos, e o cofre do governo civil de Braga.

Crise algodocira em Portugal.

No «Diario de Lisboa» de 10 do corrente vem publicados dois officios, que o sr. secretario do conselho geral das alfandegas dirigiu ao governo em resultado da missão de que fora encarregado para estudar a influencia da guerra da America na industria do algodão em Portugal. Damos hoje esses dois importantes documentos, que revelam o zelo com que sua ex.^a se tem havido em tão difficil commissão e que ainda ha pouco podémos bem avaliar durante a sua estada n'esta cidade. O modo como o sr. Ribeiro de Sá a tem desempenhado, valeu-lhe os louvores do

governo exarados na portaria que precede os dois mencionados officios e que igualmente publicamos.

(Commercio do Porto)

«Sendo presente a Sua Magestade El-Rei os officios de 6 e 16 de setembro ultimo, em que o secretario do conselho geral das alfandegas, Sebastião José Ribeiro de Sá, deu conta do resultado dos seus trabalhos, em desempenho da portaria de 12 de agosto proximo passado, pela qual foi incumbido de estudar a influencia produzida pela guerra da America na industria do algodão em Portugal: manda o mesmo augusto senhor, pela secretaria de Estado dos negocios da fazenda, declarar ao referido funcionario que viu com satisfação o zelo com que se tem dedicado ao desempenho da commissão de que foi encarregado pela citada portaria; aguardando a remessa dos mais esclarecimentos, que no seguimento das indagações a que procede houver de colher sobre este assumpto.

Paço, em 4 de outubro de 1862. — Joaquim Thomaz Lobo d'Avila. — Para Sebastião José Ribeiro de Sá.

Inquerito sobre a influencia da guerra da America na industria portugueza do algodão.

I

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tive a honra de receber no dia 12 de agosto ultimo a portaria expedida pela secretaria de Estado dos negocios da fazenda, com a data de 8 do mesmo mez, na qual Sua Magestade El-Rei houve por bem encarregar-me de estudar a influencia que a guerra da America podesse ter produzido em Portugal, na industria do algodão, para que o governo de Sua Magestade estivesse convenientemente habilitado a fim de poder adoptar as providencias que julgue mais acertadas. O mesmo augusto Senhor ordenou-me de começar o estudo de tão importante questão economica pelo districto de Porto, para onde devia partir immediatamente, seguindo depois o desempenho da minha commissão no districto de Lisboa, para a final formular um relatório circunstanciado de que fizessem parte todos os documentos e esclarecimentos que eu podesse alcançar.

A portaria a que me refiro impunha-me o dever de apresentar esse relatório com a brevidade compativel com a importancia do assumpto.

Cumpre-me hoje começar a dar conta a v. ex.^a por escripto para ser presente a Sua Magestade, do modo como desempenhei a honrosa e difficil commissão que me foi incumbida.

Pego licença para dividir o meu relatório em diferentes officios, porque só d'este modo será possível que eu leve ao conhecimento do governo, com a urgencia que as circumstancias reclamam, as informações que já verbalmente tive a honra de expor a v. ex.^a

Tendo recebido a 12 de agosto a portaria que determinava o encargo que eu tinha a desempenhar, parti no dia 13 para a cidade do Porto, onde cheguei na manhã de 15. Era o dia destinado para a distribuição solenne dos premios conferidos pelo jury da exposição industrial portuense de 1861 aos expositores que mais se distinguiram n'aquelle brilhante concurso de productos da industria.

Concorri a essa solemnidade e logo ali recebi as mais tristes noticias acerca da crise por que estava passando a industria do algodão, especialmente a da tecelagem.

Julguei que devia, antes de fazer conhecido o caracter official da minha commissão, percorrer os bairros operarios, e tomar algumas informações, que me habilitassem a formar juizo seguro das primeiras noticias que acabava de ouvir.

Verifiquei a exactidão de taes informações. Eram já muitos os teares parados em Cedofeita e Bomfim, estavam minguidos os depósitos do algodão em fio, e o algodão em rama era procurado, e levado para Barcelona. Até de Inglaterra chegavam ordens para compra do algodão que se podesse encontrar. Não havia tambem completo accordo entre alguns dos ramos d'esta industria, cujos interesses, como v. ex.^a sabe, são oppositos.

O quadro d'estes factos era tão evidente, que eu conheci desde logo a difficuldade invencivel de evitar ou combater a crise em uma industria a que faltava a materia primeira, subido o preço da que ainda havia a ponto que a sua laboração se tornava prejudicial, por quanto os tecidos de algodão ficavam por tal preço que lhes seriam preferiveis outros tecidos de mais valor absoluto.

E assim acontecia, porque os tecidos chamados baetilhas de algodão estão sendo substituidos nos chales, a que muito se applicavam, por tecidos de lã, feitos especialmente na Covilhã.

Depois de me apresentar ao chefe superior do districto, entendi que devia communicar a commissão de que estava incumbido pelo governo de Sua Magestade ás associações commercial, industrial portuense, industrial do Porto, auxiliadora dos proprietarios das fabricas de tecidos estabelecidas no Porto, e aos proprietarios das fabricas de fição, que ao presente existem no mesmo districto.

A todas estas corporações e mais individuos fiz constar que no desempenho da minha commissão e a bem da industria e do serviço publico carecia que me prestassem os esclarecimentos ao seu alcance, por escripto ou verbalmente, acerca do importante assumpto a que a mesma commissão se referia.

Algumas corporações e individuos, assim que souberam que o governo de Sua Magestade havia mandado um seu delegado ao Porto para tomar conhecimento da crise que estava soffrendo a industria do algodão, vieram logo offerecer-me todas as informações que podessem dar, rogando-me que fizesse constar ao mesmo governo os sentimentos de gratidão com que viam a sollicitude que lhe tinha inspirado um estado tão afflictivo, e que só muito de perto poderia ser exactamente apreciado.

Pelo governo civil do districto foram postos á minha disposição os administradores dos dois bairros onde a tecelagem do algodão está mais concentrada, e ambos me deram provas de muito zelo na valiosa coadjuvação que me prestaram, nas indagações e noticias estatísticas de que eu tanto carecia.

A directoria da alfandega do Porto pedi os esclarecimentos relativos ao movimento commercial, que me deviam habilitar a conhecer, por este lado, o estado comparativo em diferentes periodos da industria do algodão.

Faço a exposição d'este plano de trabalho a v. ex.^a para que se digne reconhecer a impossibilidade de, em quinze dias que este no Porto, reunir todos os seus resultados, mormente quando dependiam de pessoas e corporações diferentes, que, apesar da sua intelligencia e boa vontade, não podiam repentinamente satisfazer as informações, que tenho como indispensaveis, para que em Portugal se aprecie um facto economico destinado a ficar tristemente registrado na historia da Europa.

Nos officios subsequentes mencionarei os factos já apurados em consequencia do plano de estudo que adoptei para tão grave questão, e os que ainda agora estou recolhendo e apreciando.

Limitar-me-hei, portanto, hoje a repetir por escripto a v. ex.^a as circumstancias gravissimas, que resultam da guerra da America, para a industria do algodão no Porto, pela falta do algodão o subido preço do pouco que ainda existe n'aquelle praça.

Pelas investigações a que já tenho procedido em Lisboa, posso acrescentar que tambem na capital são graves as circumstancias d'essa industria, mas não tanto como no Porto, porque n'esta cidade ha, na situação presente, menos offeça de trabalho do que em Lisboa, e porque, predominando na segunda capital do reino a pequena industria, no que diz respeito á tecelagem, e ali muito mais avultado o numero de braços que ella emprega, com referencia ao algodão, do que em Lisboa.

Nos quinze dias que este no Porto o algodão em rama subiu de 240 réis o arratel a 360 réis sendo já pedido o preço de 400.

Calcúlo que o algodão existente apenas

dará trabalho aos teares para dois mezes, quando muito, a contar do dia 27 de agosto em que deixei o Porto. Entretanto, sendo impossivel que a quantidade do algodão que ainda havia se dividisse proporcionalmente por todos os teares, a paralisação do trabalho em muitos d'elles devia ir continuando, como de facto continuou.

Todos os alvitres que me lembravam para apresentar ao governo de Sua Magestade ficavam inuteis assim que eu considerava na falta quasi absoluta da materia primeira.

Algumas das corporações e pessoas, por mim consultadas n'este sentido, concordavam na impossibilidade de combater a crise por meios directos. Restava achar nos meios indirectos o trabalho que vae faltando aos braços que a paralisação da industria deixa ociosos.

Procurei informar-me do representante da empresa do caminho de ferro do norte se era possivel haver trabalho para esses braços na proximidade do Porto.

Infelizmente n'este caso, mas felizmente para a conclusão de tão importante linha, os trabalhos começavam a ficar distantes do Porto.

Constou-me que era grande a procura de braços em Lisboa, e apesar de que ao mesmo tempo já me participavam que a laboração do algodão se ia suspendendo nas grandes fabricas, parece-me que alguns tecelões ou fiandeiros, poderiam vir para Lisboa, se o governo de Sua Magestade coadjuvasse com alguns meios esta mudança de domicilio.

Tambem vi desvanecer esta esperança, que só a poucos operarios podia aproveitar, e não foi da parte do governo que faltavam os meios, foi a crise que, invadindo tambem com força as fabricas de Lisboa, as obrigou a enfraquecer o seu trabalho.

Dois meios restavam n'estas circumstancias para evitar os horrores da fome a milhares de pessoas na segunda cidade do reino: a applicação immediata de 50:000\$000 a 60:000\$000 réis para obras da estrada, o mais proximo possivel do Porto, como tive a honra de apresentar a v. ex.^a no dia 29 de agosto, em que cheguei a Lisboa, e o estabelecimento desde já de uma sopa economica, no bairro de Cedofeita e outra em Bomfim, proposta que hoje faço a v. ex.^a em consequencia de noticias que me apresentam aggravada a crise n'estes ultimos dias.

O primeiro meio dará trabalho aos braços validos, e o segundo proporcionará alimento á parte da população operaria, que doente e idoso, apenas acha dos diversos ramos de industria de algodão os limitados meios da sua amargurada existencia.

Para este segundo meio sei que póde o governo contar com os sentimentos caridosos de importantes capitalistas, e fabricantes da cidade do Porto. De alguns recebi a honra de me prevenirem que podia assegurar ao governo que o seu concurso não faltaria n'esta situação extrema, quando o mesmo governo entendesse que ella tinha chegado e que era occasião de tomar a iniciativa de o adoptar pelo modo que julgasse mais conveniente.

Tomarei ainda a liberdade de lembrar a v. ex.^a que, sendo as obras que em algumas estradas perto do Porto se vão emprender para o em prego dos braços validos, a que a industria do algodão não offerece já meios de subsistencia, seria mister fazer bem publica esta resolução do governo, e os meios de taes operarios se apresentarem nos bairros em que está mais concentrada aquella industria.

Sei que o proposito de v. ex.^a promovendo este inquerito era averiguar se dentro das attribuições do ministerio, dignamente a cargo de v. ex.^a, havia a tomar alguma providencia acerca da crise que produziu em Portugal a falta do algodão. Como deixo indicado, é de outras secretarias de Estado que dependem as providencias, que por emquanto as circumstancias aconselham.

Não hesitei no entanto em as propor a v. ex.^a porque era o meio regular de chegarem ao conhecimento dos dignos collegas de v. ex.^a, a quem mais directamente dizem respeito.

Continuarei n'esta missão, a par do inquerito da situação economica da industria portugueza do algodão, com referencia aos resultados produzidos pela guerra da America, se o governo de Sua Magestade assim o autorisar.

Deus guarde a v. ex.^a Lisboa, 6 de setembro de 1862. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. ministro e secretario de Estado dos negocios da fazenda. — Sebastião José Ribeiro de Sá.

(Continúa.)

Serviço de fiscalização nas alfandegas

Sendo de absoluta necessidade adoptar, em quanto se não procede á reforma das alfandegas maiores, tanto do continente do reino, como das ilhas adjacentes, as providencias que couberem dentro da esphera das attribuições do poder executivo, tendentes a melhorar alguns ramos do serviço fiscal interno das mesmas alfandegas, principalmente o de verificação das mercadorias, conciliando, quanto possivel, os interesses do thesouro publico com os do commercio licito; hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1. Quem directa ou indirectamente, por interposta pessoa, tiver de receber das alfandegas maiores, tanto do continente do reino como das ilhas adjacentes, mercadorias estrangeiras e das possessões portuguezas, depositadas nas mesmas alfandegas, estejam ou não sujeitas a direitos, é obrigado a apresentar dentro do prazo de doze dias, contado da data em que o capitão ou mestre

da embarcação que as conduzir der entrada na alfandega, os seguintes documentos:

§ 1. O conhecimento pelo qual lhe for conferido o direito á recepção das mercadorias;

§ 2. Uma declaração em que se especificarem:

1. O nome e a procedencia do navio a cujo bordo vierem as mercadorias;

2. O nome do capitão ou mestre;

3. A quantidade de volumes, marca ou numero de cada um delles;

4. A qualidade, quantidade (peso, medida ou numero) e valor total das mercadorias contidas em cada volume, com a exactidão possivel;

5. A assignatura do recebedor ou declarante, competentemente auctorizado perante a alfandega;

6. Finalmente, o titulo generico da declaração conforme o modelo A.

§ 3. Esta declaração é dispensada em referencia ás mercadorias que forem despachadas em acto successivo á sua entrada na alfandega.

Art. 2. O conhecimento a que se refere o § 1. do artigo antecedente será conferido com o que vier junto ao manifesto da entrada, sellado com o sello da alfandega e rubricado por um dos escriptos effectivos, ou graduados, da meza grande ou empregados que as suas vezes fizerem.

Art. 3. Quando as mercadorias mudarem de possuidor deverá ser apresentado o respectivo conhecimento no acto do despacho, competentemente endossado a favor do possuidor que nesse mesmo acto tiver direito a receber taes mercadorias.

Art. 4. Quando se desencaminharem os conhecimentos a que se referem os artigos antecedentes, sómente se realizará o despacho das mercadorias a que disserem respeito, quando se tenha satisfeito aos seguintes preceitos:

1. Annunciar-se o indicado descaminho por edital da alfandega, affixado na mesma alfandega, e publicado n'um dos periodicos da localidade da casa fiscal chamando quem se julgar com direito ás referidas mercadorias, para que o deduza perante a alfandega dentro do prazo de trinta dias;

2. Prestarem os donos dos conhecimentos, findo que seja aquelle prazo, fiança idonea, e as provas provenientes das facturas, cartas de aviso, do livro de carga, ou quaesquer outras que façam fé, que justifique a entrega das mercadorias.

Art. 5. Em quanto não fiudar o prazo dos doze dias para a apresentação das declarações de que trata o artigo 1. e seu § 2., poderá o dono das mercadorias, ou seu representante, rectificar qualquer erro que houver na declaração que tiver entregue, requerendo por escripto ao chefe da alfandega e substituí-la por uma outra; o que lhe deverá ser deferido.

Art. 6. Quando a declaração apresentada não tiver sido feita com os requisitos e formalidades prescriptas, o chefe da alfandega assim o fará constar ao apresentante, dando-lhe conhecimento das faltas, ou dos erros que couber, a fim de os reparar; e, quando não o faça, será considerada semelhante declaração como se não tivesse sido exhibida, applicando-se em tal caso a penalidade de que tracta o artigo 10.

Art. 7. Se o dono das mercadorias, ou seu representante, não possuir os esclarecimentos necessarios para organizar em devida forma a declaração, poderá requerer ao chefe da alfandega que seja permitida a abertura dos respectivos volumes, com as formalidades estabelecidas para semelhantes casos, pagando a despeza do trabalho braçal que se fizer a fim de obter por este meio aquelles esclarecimentos.

§ unico. Quanto porém, a respeito d'aquelles volumes que vierem por tranzito, segundo a indicação feita nos competentes conhecimentos, as declarações poderão conter sómente os esclarecimentos ministrados pelas cartas de aviso e respectivos conhecimentos.

Art. 8. Um duplicado da declaração que for recebida na alfandega será entregue ao apresentante da mesma declaração para resalvar-se de qualquer responsabilidade, no caso de se desencaminhar a que ficara na alfandega.

Art. 9. As declarações recebidas pelas alfandegas serão colladas entre si, em ordem seguida da sua numerção e das datas da apresentação, de modo que constituam outras tantas folhas de livro, sendo rubricadas pelos mesmos empregados que, em virtude do disposto no artigo 2. deste decreto, tem de rubricar os conhecimentos de que tracta o mesmo artigo, bem como brochadas aos mezes, constituindo assim outros tantos livros mensaes.

§ unico. Estes livros terão termo de encerramento, em que se mencione o numero de declarações que contém, o qual será assignado pelo escripto da meza grande encarregado de rubricar as declarações, na conformidade deste artigo.

Art. 10. Os apresentantes de declarações inexactas, e que não forem rectificadas ou substituidas, nos termos dos artigos 5., 6. e 7., ficarão sujeitos ás penas authorizadas pelo artigo 4. do decreto com força de lei de 27 de dezembro de 1852, as quaes serão applicadas segundo as circumstancias atenuantes ou aggravantes do facto.

§ unico. Quando se reconhecer que as inexactidões foram praticadas dolosamente, as mercadorias serão apprehendidas, revertendo o seu producto a favor do descobridor de semelhantes fraudes.

Art. 11. Sempre que nos manifestos e conhecimentos, bem como nas declarações apresentadas, se contemporem sob falsas denominações mercadorias cuja importação for prohibida, serão estas immediatamente apprehendidas e processados seus donos ou representantes, para lhes serem impostas as penas legais, revertendo o producto das apprehensões a favor do empregado, ou empregados que as fizerem, ou derem a com-

petente participação para que ellas se realizem.

Art. 12. Na mesma occasião de se apresentar o denominado — bilhete de pedido de despacho — se juntará o conhecimento ou conhecimentos originaes, a que se refere o § 1.º do artigo 1.º d'este decreto, ou as ordens de entrega, que deverão ser averbadas nos competentes conhecimentos: sendo conferidos e rubricados estes documentos, nos termos do artigo 2.º, sem o que, não correrá o despacho, nem por consequente poderão sair as mercadorias da alfandega.

Art. 13. No bilhete de pedido de despacho, a que allude o artigo antecedente, se especificarão, quanto for possivel, pelo despachante as mercadorias que pretenda despachar, e só quando esta indicação estiver de accordo no todo com a declaração feita nos termos do § 2.º do artigo 1.º, o chefe da alfandega mandará continuar o despacho, nomeando os empregados que devem fazer a verificação do conteúdo no volume, ou volumes propostos a despacho.

§ unico. Quando porém a indicação do bilhete de pedido de despacho não estiver conforme no todo com a declaração a que se refere o § 2.º do artigo 1.º, será devolvido o mesmo bilhete ao despachante para que o reforme nos devidos termos.

(Continúa.)

TRIBUNAES RELAÇÃO DO PORTO

Sessão de 13 de outubro

Appellações civis

Pesqueira. — Silvino Augusto dos Reis, contra Bernardo Felicissimo dos Reis e mulher: juiz Baptista, escriptão Albuquerque.

Cantanhede. — Manoel da Cruz, mulher e outros, contra Manoel e Rozalia, filhos de Josefa de Jesus; juiz Velloso, escriptão Cabral.

Porto. — Domingas Roza, contra José Manoel dos Santos Seabra; juiz Martins, escriptão Sarmento.

Famalicao. — Manoel Jesé do Rego e mulher, contra Antonio Pereira Cardoso e mulher; juiz Ribeiro Abranches, escriptão Silva Pereira.

Pesqueira. — Antonio José d'Azevedo, contra Francisco José d'Oliveira Dias Paes; juiz Oliveira, e por impedimento Aguiar; escriptão Albuquerque.

Foscão. — Carlota Joaquina, no inventario de José Antonio de Souza; juiz Aguiar, escriptão Cabral.

Causas assignadas para a sessão de 20 de outubro

Celorico de Basto. — Balbina Alves Lopes e filha, contra D. Rita Machado da Silveira Brandão.

Arganil. — O ministerio publico, contra o juiz de direito.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Cadeia d'Aveiro 12 de outubro de 1862

Respeitosamente envio ás illustres mãos de v. estas mal fundadas letras, pelas quaes vou em meu nome, e dos mais presos agradecer a v. e a todos os mais senhores pertencentes a essa respeitavel redacção, os grandes obsequios com que nos tem mimoseado, tendo-nos mandado sempre gratuitamente a sua folha — *O Districto de Aveiro* —; só almas adornadas de virtude assás conhecem a necessidade dos presos; vamos por isso com a maior humildade e respeito pedir-lhe o obsequio, e por esmola, lançar no seu primeiro numero o agradecimento incluso, de que lhe ficaremos muito obrigados.

Sou de v. etc.

Joaquim José Rodrigues de Bastos.

AGRADECIMENTO

Sem querer offender a caridade, e modestia d'almas bemfazejas, — os encarcerados na prisão de S. Thyago, e de todas as mais prisões desta cidade, — vem por esta fórma agradecer ao ill.^{mo} sr. delegado do thesouro, — e á ill.^{ma} camara municipal desta cidade a esmola dos bons jantares, que se dignaram dar-lhes por occasião do auspicioso enlace de S. M. El-Rei o senhor D. Luiz I, solemnizando assim um consorcio tão esperançoso para Portugal.

Possa o exemplo de tão sublime virtude excitar outros á pratica da mais querida filha do céo; — aprendam os mais empregados publicos a repartir com os desgraçados, e gosarão o elevado prazer que dá a virtude.

Peço, sr. redactor, o obsequio de inserir este no seu muito respeitavel jornal, de que lhe ficaremos muito obrigados. — Por mim, e a roga de todos, Joaquim José Rodrigues de Bastos.

EXTERIOR

Dos jornaes do correio de hontem copiamos os seguintes telegrammas:

Folhas de Madrid de 10, de Paris de 9, do Havre e Bruxellas de 7.

As noticias de Paris asseguram que M. Rattazzi, presidente do gabinete italiano, irá áquelle

capital logo que alli regresso o imperador Napoleão, e acredita-se que M. Rattazzi, no seu regresso, levará para Turin, senão a esperada solução da questão romana, ao menos asseverações positivas e muito satisfactorias para poder apresentar-se no parlamento, cuja convocação não pôde ser indefinidamente adiada.

Ganhava corpo o boato de que o casamento do principe Humberto se celebrará na proxima primavera.

A princeza em que se fallava para esposa do herdeiro do throno de Italia é S. A. I. a duqueza de Leucenberg Maria-Maximilianown a Romanowski, nascida a 4 de outubro de 1841.

A «França» diz que Mr. Thouvenel, ministro dos negocios estrangeiros, não esteve nunca em desacordo com o imperador na questão romana nem nunca em pedir a sua demissão.

A Russia pediu ao governo italiano auctorisção para estabelecer, como já teve em Villa Franca, perto de Niza, uma estação naval no litoral italiano.

Se são verdadeiros os boatos de proxima alliança entre a familia imperial da Russia e a real de Italia, não será duvidosa a concessão.

Diz-se que a estação russa se estabelecerá na Manfredonia ou em Brindis.

O medico napolitano Palasciano sahio de Varignano para Londres, para consultar com o dr. Partridge sobre o curativo de Garibaldi.

O medico Palasciano é de opinião que a bala está dentro da ferida e o dr. Zanetti é tambem d'esta opinião.

A «Gazeta official» de Turin publica no seu numero de 6 do corrente o decreto de amnistia assignado pelo rei e referendado pelo presidente do conselho.

No dia 6 de agosto houve em Washington um grande meeting politico, no sentido da continuação da guerra a todo o transe. Assistiram mais de 10:000 pessoas, entre estas o presidente Lincoln.

A primeira das resoluções adoptadas pela commissão directiva, e freneticamente applaudida, termina assim:

«A união deve conservar-se ou o paiz converter-se n'um deserto.»

Despachos dos Jornaes estrangeiros

Belgrado 7. — Foi hontem entregue ao principe Miguel o firman relativo ás decisões da conferencia.

O principe publicou uma proclamação em que declara ter aceite, para pôr termo á situação actual, as decisões da conferencia, que respondem senão a todos, ao mesmo a alguns dos direitos e dos desejos da nação serba.

Ragusa 7. — Foram mortos alguns turcos na Herzegovina, do lado de Banjani. Luca Vukalovich trabalha para o apasiguamento dos espiritos.

S. Petersburgo 7. — O «Jornal de S. Petersburgo», publica um artigo em rectificação dos erros espalhados ácerca do incidente Zamolski. Resulta das explicações de a reunião dos proprietarios polacos e o que se seguiu não foram senão o effeito d'um impulso irreflectido. Estes factos constituam todavia uma infracção á lei e não podiam produzir senão agitação. O conde de Zamolski estava exposto a ver o seu nome servir de bandeira ao partido da desordem e ás tendencias anarchicas. Foi para subtrair o conde a esta situação que o imperador o chamou a S. Petersburgo; e como S. M. julga que a sua volta a Varsovia nas circumstancias actuaes não seria sem inconveniente o conde de Zamolski irá passar algum tempo aos estrangeiros.

Munich 7. — A rainha de Napoles chegou hontem a Ausburgo; está alojada provisoriamente no convento das Ursulinas. Diz-se que S. M. está doente.

Marselha 7. — Assegura-se que o marquez de Lavalette pediu, antes da sua partida de Roma, uma amnistia para todos os delictos politicos.

Estão encetadas as negociações para um emprestimo pontificio.

Turin 7. — O «Diritto» publica um despacho de Napoles que diz que foram soltos os deputados Mordini, Fabrizi e Calvino.

A «Discussione» diz que a viagem do principe Napoleão a Napoles tem por fim verificar o estado politico do paiz para d'elle informar depois o imperador.

Segundo a mesma folha, o estabelecimento de um grande commando militar na Sicilia devia preceder n'este paiz a abolição do estado de sitio. Esta medida foi adiada em consequencia dos ultimos assassinos.

O desarmamento prosegue activamente em Palermo. Apresentou-se ao commissario extraordinario, general Brignone, uma deputação para lhe assegurar que todas as pessoas de bem apoiarão o governo na repressão dos malfeteiros.

O numero de pessoas que não é comprehendido na amnistia não passa de 100, dos quaes são 2 officiaes e 10 officiaes inferiores.

Londres 8. — O «Times» censura os magistrados inglezes por terem condemnado só a uma pequena multa os irlandezes presos por terem perturbado a tranquillidade publica em Hyde-Park. O jornal da Cité assegura que os irlandezes presos tinham todos muito dinheiro nas algibeiras, que eram os instrumentos de pessoas ricas, e que uma multa não impedirá a renovação das desordens. O «Times» censura emfim a policia por não ter empregado medidas mais energicas para impedir as demonstrações.

Idem. — N'um banquete que houve em New-Castle, M. Gladstone, respondendo a um brinde, disse que se julgava feliz por ter contribuido pa-

ra a conclusão do tractado de commercio com a França; mas que a honra d'esta grande medida, cujo bom resultado excedeu todas as esperanças, era devida principalmente ao imperador e a M. Cobden.

Relativamente á questão da America, o chanceler do thesouro cre que a situação dos escravos seria melhor se a separação se effectuasse. Diz que a neutralidade britanica é mais contra o Sul do que contra o Norte. Devemos, acrescenta elle, ser benevolentes a respeito do Norte. Não esqueçamos a recepção feita ao principe de Gales na America. Essa recepção é a prova dos bons sentimentos da America para com a Inglaterra. Não é para duvidar que Jefferson Davis chegue a fazer dos Estados do Sul uma nação independente.

M. Gladstone considera a causa do Sul como ganha.

Termina dizendo que a actitude dos povos italianos lhes dá novos titulos á confiança publica, e exprimindo a esperança de que terminará breve a questão italiana.

Do nosso collega «O Diario Mercantil» copiamos o seguinte telegramma:

LISBOA 13 A'S 8 H. DA TARDE.

«A deputação da camara do Porto foi hoje recebida por SS. MM. do modo mais honroso para a cidade invicta, como prova o discurso que El Rei se dignou dirigir á mesma deputação em resposta á felicitação da camara. Eis o

DISCURSO DE S. Magestade

«Para a Rainha minha muito presada esposa, não é estranha a terra de Portugal, desde que seu augusto progenitor veio procurar na invicta cidade do Porto abrigo para o seu voluntario exilio, e ali recebeu os maiores testemunhos de respeito e affecto que pode dar um povo livre e generoso.

Desde então os dois povos tornaram-se irmãos, e as demonstrações com que a nação italiana festejou a alliança da dynastia de Bragança com a de Saboya, não foram menos espontaneas que as que tem patenteado a nação portugueza.

A muito nobre, invicta e sempre leal cidade do Porto, que teve a gloria de abrigar em seus muros o principe que deu a liberdade a Portugal, e o que deu a liberdade á Italia, não pode deixar de applaudir o auspicioso enlace dos netos d'estes dois grandes monarchas.

Os exemplos que elles nos legaram por suas virtudes civicas e moraes hão de contribuir para a nossa ventura domestica e para a prosperidade desta heroica nação.

Os habitantes do Porto que se ufanam de ter o foro de cidadãos italianos, exultarão com a presença da excelsa neta de Carlos Alberto; e a rainha muito se comprazerá em conhecer e saudar os habitantes de uma cidade tão illustrada, laboriosa, e propugnadora da liberdade.

Em quanto não chega esse momento, agradeço cordalmente á deputação da camara municipal do Porto as felicitações que me dirige, e os votos que faz pela conservação de toda a real familia.»

S. ex.^a o sr. presidente da camara acrescenta:

«O ministro communicou-me que o principe Humberto sahindo para essa cidade no dia 21, — deverá ali chegar no dia 23 do corrente.

O Porto satisfaz uma divida sagrada prestando ao augusto visitante todas as demonstrações de estima e consideração devidas ao irmão da nossa Rainha, e neto do grande Rei Carlos Alberto, cuja memoria o Porto tanto respeita.

Visconde de Lagoaça.»

NOTICIARIO

Queixa. — O nosso correspondente de Lisboa dirigiu nos um telegramma, que gastou mais de 22 horas a chegar-nos á mão, pois sendo entregue na estação da capital ás 9 horas e meia da manhã do dia 14, foi recebido na estação d'esta cidade ás 7 horas e 34 minutos da manhã do dia 15!

Alguns dos nossos collegas do Porto, queixam-se do pessimo serviço do telegrapho n'estes ultimos dias. Como se vê tambem fomos contemplados. Pedimos que se deem providencias para que se não repitam estas faltas, e para quem gasta o seu dinheiro, não lhe aconteça como agora ao nosso correspondente, que mandando supprimir certo assumpto da sua correspondencia, nada aproveitou porque o jornal já estava publicado.

Festividade. — Festejou-se ante-hontem na igreja das religiosas Carmelitas, Sancta Thérza de Jesus. — São sempre edificantes as funcções religiosas que se celebram na igreja destas piedosas monjas.

Almanak Aveirense. — Reccebemos este interessante almanak para o anno de 1863, que recomendamos com especialidade aos habitantes do districto d'Aveiro pelo muito que contém de util, em relação ao mesmo districto.

Agradecemos ao seu auctor, o sr. José Reinaldo Rangel de Quadros Oudinot, a sua excellent offerta.

Notavel coincidência. — (Diz o «Jornal do Porto».) O memoravel incendio da rua da Lada teve logar no dia justamente em que a igre-

ja reza de S. Francisco — no dia 5 de outubro.

Fernando Luiz, um dos que mais soffreu com o incendio, é irmão de S. Francisco, e dentro de uma caixa, collocada onde o fogo mais se ateou, tinha elle guardados o seu habito, cordão, e diploma de irmão daquella ordem.

A caixa desapareceu, devorada pelas chamas.

Nas ruinas em que Fernando Luiz tem continuamente escavado em busca das suas riquezas, tem apparecido algumas moedas de ouro e prata, mas todas negras e algumas até fundidas com o calor.

Hontem, depois de encontrar um cordão de ouro dos que perdêra, continuou escavando, e achou o seu habito, cordão e diploma de irmão de S. Francisco!

Agora commentem.

Ardeu a caixa de madeira de modo, que nem vestigios della se viram, e appareceram quasi intactos, respeitados pelas chamas, os seus habitos de irmão franciscano.

Outra. — (Do mesmo jornal.) No dia 15 de setembro de 1840 insurreccionou-se o regimento 6 d'infanteria, resultando da insurreição uma victima. O 6 foi dissolvido.

Em 15 de setembro de 1862 insurreccionou-se o regimento 6, e houve tambem em resultado uma victima, sendo de novo dissolvido o mesmo regimento.

E' uma coincidência que merece registrar-se.

Enthusiasmo. — (Do «Doze d'Agosto».) Continua grande enthusiasmo em toda a parte «pela liberdade da Italia.»

Hontem na praça do Campo de Sant'Anna, e no Gymnasio, o enthusiasmo quasi que tocou a delirio.

Garibaldi. — Diz-se que Garibaldi virá a Lisboa agradecer á Rainha, a graça que impetrou á seu pae para a sua liberdade.

Se tal se realisasse, Lisboa levaria o seu enthusiasmo ao delirio. Garibaldi tem entre nós um grande partido.

Beatificação d'uma rainha. — (Do «Commercio do Porto».) O Santo Padre mandou instaurar o processo da beatificação da rainha Maria Christina, de Napoles, princeza da Saboya, primeira esposa do rei Fernando II, de Napoles, e mãe de Francisco II.

A rainha Maria Christina Carolina Josephina Cuetana Elisa, filha do rei da Sardenha Victor Manoel 1.^o, nasceu a 14 de novembro de 1812. Casou a 21 de novembro de 1862 com o rei Fernando II, de Napoles, e falleceu a 31 de janeiro de 1836. Em Napoles o povo denomina-a a rainha Santa.

Intrepidez femenina. — (Do mesmo jornal.) Emelian C..., modista de Pariz, que habitava na rua de la Butte-aux-Cailles, voltando do armazem para sua casa, viu, com surpresa, uma chave mettida na fechadura da sua porta. Julgando que seria esquecimento seu, metten a mão na algibeira e viu que tinha consigo a chave.

Querendo aclarar o mysterio, empurrou a porta e com animo varonil penetrou no seu quarto, onde encontrou um homem de má catadura, occupado a juntar todos os objectos de algum valor que alli se achavam.

A intrepida modista, com toda a presença de espirito, dirigindo se ao desconhecido, disse-lhe:

—Tende a bondade de dizer-me se Emelina está em casa?

—Minha neta?—respondeu com notavel socego o escamoteador— Sahiu a uma hora; voltai d'aqui á duas horas se lhe quereis fallar.

A modista despediu-se e sem precipitação desceu a escada e preveniu o porteiro, e este chamou um policia, que por casualidade passava, e assim foi apanhado em flagrante o falso avô e conduzido a prefeitura.

Quando ia preso, o ratoneiro disse á modista:

—Minha neta, dê-te-me uma lição que eu te não tinha ensinado!

—Avósinho, a mocidade agora anda adiantada, e fiz este ensaio para que não esqueças que para entabolar relações de parentesco é precisa a prévia apresentação. O agente de policia sabe muito bem isto, e vae apresentar-vos aos vossos antigos parentes, que vos receberão com os braços abertos e o sorriso nos labios!

Os bersaglieri. — Hontem á noite, diz a *Revolução de Setembro* de 11 de corrente, manifestou-se incendio na loja de mercaria da rua dos Douradores, esquina da travessa de Santa Justa. Entre as pessoas que concorreram alguns *bersaglieri*, dos vindos a bordo da fragata italiana «Maria Adelaide», que vein fazendo parte do cortejo nautico da joven rainha; e como fosse muito o fumo e se presumis-se que o fogo já communicava com o primeiro andar, elles subiram ás janellas sem mais escada que não fossem os seus companheiros e entraram valentemente na casa para acedir ao sinistro.

N'isto havia chegado o guarda municipal, e um *bersaglieri*, que primeiro havia subido, vendo que na casa não havia fogo, saltou da janella abaixo. Um soldado de cavallaria correu sobre elle com a espada desembainhada, e o povo indignado, segurando o braço ao imprudente soldado começou a gritar:

—Mata, morra o municipal.

Felizmente o incidente terminou, mas não sem se haver feito aquelle insulto ao bravo *bersaglieri*, que em paga da sua dedicação ia sendo acutilado e ficou sem o chapéu.

Registramos o facto pedindo para o culpado a devida admoestação em satisfação ao offendido que é o *bersaglieri* Cliva Giuseppe.

Uma aventura curiosa.—Sobre este assumpto, conta o *Journal la Patrie*, de 3 de outubro, o seguinte caso, que occupa d'este momento a attenção de toda a gente de Toulouse.

«Um homem muito conhecido em certa roda de Paris, que se via sempre na Bolsa e no boulevard dos Italianos, era muito intelligente, muito activo, e muito honrado; mas tinha visto a fortuna voltar-lhe sempre as costas, sem por isso mostrar menos risouho e presenteiro.

O inverno passado foi atacado d'um forte rheumatismo, e por isso o seu medico lhe mandou este verão tomar ares, nos Pyreneos, para se curar.

Encontrou alli uma senhora, já idosa, muito doente, e vivendo só. Esta senhora, que parecia viver n'uma posição pouco vantajosa, o impressionou bastante, e como elle era dotado de um bom coração, hia muitas vezes visitá-la. Esta senhora jogava bem, tinha tido muitas relações na alta sociedade, sabia muita cousa, e o que M. X... fazia ao principio como uma obra de caridade, fazia-o agora com muito prazer. Por isso accoitou logo o convite que a senhora lhe fazia, não só de a acompanhar ao seu *chateau*, ao pé de Toulouse, mas de ficar alli o resto do verão.

A palavra pomposa de *chateau* tinha desgostado um pouco o nosso heroe; mas pensando que a pobre senhora era *gusconne*, contentou-se de «sorrir impetto», e tratou da doente como o faria um filho, e fizeram a jornada com todo o descangão.

Enfim chegaram ao *chateau*, e grande foi a surpresa de M. X. vendo que havia, não uma velha cabana como elle esperava, mas sim um bello *chateau* com todos os seus pertences. Além disso viu que a senhora não era avarenta, e fazia muito bem aos pobres. X. ficou com ella e contava demorar-se, porém um dia vieram chamá-lo a toda a pressa. Inquieto levantou-se e desceu ao quarto da senhora, que encontrou muito abatida.

—Meu caro senhor X..., lhe diz ella; sinto-me muito doente, por isso quero pôr as minhas cousas em ordem. Tenho uma grande fortuna, estou de mal com alguns parentes, e a outros nem os conheço. Não quero chamar o tabellião para me fazer o testamento, por isso como o senhor é entendido em negocios, trate de fazer um modelo; pois deixo-o por meu unico herdeiro, com a condição de não abandonar os meus pobres.

M. X... subiu ao seu quarto, fez o modelo e trouxe-o á doente, recomendo-lhe que não tirasse ou acrescescasse cousa alguma.

Algumas horas depois morreu, dizendo-lhe que tinha entregue o testamento ao cura.

M. X... chorou sinceramente. Os parentes apresentaram-se logo, e quando estavam reunidos abriu-se o testamento que instituia M. X... por herdeiro. Mas o testamento estava nullo! No modelo tinha o nosso heroe deixado, por discrição, (ou indiscrição?) o seu nome em branco, e a senhora enfraquecida pela doença não reparou, e copiou fielmente o modelo.

Oldium. — A um providencial acaso se devem não pouco importantes descubrimentos.

N'um jornal mui acreditado e de especialidade, o «Moniteur Vinicole», lêmos o seguinte: «Decidira um rico proprietario francez, por mera phantasia e sem motivo mais serio, fazer dispor trepadeiras em torno de algumas videiras das muitas que possuiu.

As trepadeiras foram crescendo, enfolhando, e dando flores mimosas de variadas cores.

Vestidas assim as vides, apresentavam um aspecto lindissimo; e mui satisfeito se mostrava o seu possuidor de que, perdida a esperança de lhe produzirem fructo, lhe offerecessem ao menos tão agradável perspectiva.

Mas não devia parar n'isto a sua alegria, porque, com surpresa gostosa, viu tambem o fructo carregar-lhe as videiras que elle havia envolvido de florinhas, em quanto que as restantes permaneciam, como até então, carregadas de oldium.

Tratou então de estender por todo o vasto campo a sua proveitosa phantasia, sendo prodigo de trepadeiras por toda a parte, e no anno immediato (este) por toda a parte viu formosos cachos pendendo por entre flores.

Os entendidos nada até hoje poderam descobrir que explicasse esta influencia das trepadeiras, contraria a quanto até agora a pratica indica; mas o facto existe, verificado por centenas de pessoas, que não duvidaram fazer como experiencia o que, aca-so providencial, a pura phantasia de um homem creára, por desenfado.

Vê-se pelo nosso Mimho arvores annosas enleadas d'essas immensas videiras, que lhes são tão bonito adorno: porque não veremos tambem agora por toda a parte abraçadas as vides por grinaldas de flores?»

Mensagem aos Italianos. — (Do «Portuguez».) O commandante e o estado maior da esquadrilla portugueza, na occasião da sua partida do porto de Genova, dirigiram a seguinte mensagem á marinha real italiana e ao povo genovez:

«Antes de deixar as praias da Liguria, para voltar ás margens do Tejo, sentimos a necessidade de testemunhar o nosso vivo reconhecimento á marinha italiana e á povoação desta illustre cidade, pelo gracioso e fraternal acolhimento com que fomos honrados.

«Uma commum alegria faz palpitar os corações dos descendentes de Christovão Colombo e de Vasco da Gama. Levamos conosco á nossa patria a mais amavel e feliz recordação das vossas sympathicas demonstrações, e reservamo-nos para dar bem depressa áquelles de entre vós, que

participem connosco da honra de acompanhar até á metropole lusitana a nossa amada rainha, os mesmos testemunhos de affecto e de estima.

«Os felizes laços de parentesco que unem agora as familias dos nossos soberanos, abrem para as nações uma nova era de fraternidade. Nós consideramos-nos felizes por ter sido os primeiros a pronunciar esta doce palavra e receber de vós uma tão eloquente confirmação.»

16 d'outubro. — Foi hontem o 15.º anniversario natalicio de S. M. a Rainha, pela primeira vez festejado em Portugal.

Aqui, como na corte e nas grandes cidades, não é o troar da artilharia nem o som marcial das muzicas, que lembra aos seus habitantes a alegria destes dias; mas ha corações tão desvelados, tão amigos dos seus Reis, que valem tanto como as manifestações ruidozas, e quem sabe se muitas vezes apparentes?

O som festivo dos sinos, dos paços do concelho repetidos pelos outros de todas as torres da cidade, acompanhado do estourar dos foguetes, annunciou-nos hontem de madrugada que o dia 16 d'outubro deve ficar gravado na memoria dos portuguezes: ao meio dia e á noite, houveram as mesmas demonstrações, terminando pela illuminação de todos os edificios publicos e alguns particulares.

Festejos. — Segundo nos consta, foram hontem muito festejados em Ilhavo, os annos de S. M. a Rainha, em consequencia da amnistia concedida a todos os criminosos politicos, e que attingiu alguns habitantes daquella villa pronunciados por crimes eleitoraes.

Era uma hora da noite quando regressava a esta cidade, tocando o hymno de S. M. a Philharmonica do sr. Vallerio, que fôra convidada para tomar parte n'aquelles festejos.

Offerecimento artistico. — Diz o «Correio Mercantil», que o sr. Ximenes Leopoldino Corrêa, artista impressor, dedicou a SS. MM., por intermedio do exm.º sr. marquez de Ficalho, uma poesia impressa em setim a seis cores, sendo as tintas nacionaes. O pensamento que presidiu a este trabalho, foi o de conhecer-se o quanto em Portugal está adiantada a arte de impressor, pois que não ha ainda exemplo algum de se imprimir nas officinas do paiz em setim, mais do que a uma côr.

Os soberanos portuguezes, sempre amigos dos que trabalham, estamos que receberiam com agrado este modesto e respeitoso mimo, que enobrece os artistas portuguezes que assim buscam protecção ás artes que professam.

Um Museu no bosque. — Um velhote, fallecido em França no mez de junho, diz-se ter tido, mesmo depois de morto, força para fazer andar em movimento inesperado os archeologos de toda a França!

Na Bretanha, em meio de espesso bosque, foi-se dar com a sua habitação, e nella com um bello museu, thesouro de preciosidades artisticas dos velhos tempos. Onde se esperava um pardiello achou-se uma habitação d'um homem de fino gosto.

Conta-se um facto, que é o bastante para fazer ideia da descoberta. Só quadros dos primeiros mestres de todas as escolas e tempos se nomearam 7.000!! Não fallando n'uma collecção de armas, armaduras, machinas de guerra, sem igual, na Europa.

Um relógio, obra prima da epoca de Luiz XIII, tem um mecanismo incrível, pelo qual a morte sahe d'um nicho, e vai dar o seu giro pelo quarto. E principalmente o que tem dado alegrão aos archeologos, é o achado de uma trintena de peças do serviço de «faiança» chamado de Henrique II.

Já fallamos n'este serviço, quando fallamos no folhetim do museu de Kensington, onde, se bem nos recordamos se falla d'algumas peças ali existentes e compradas pelos famosos capitalistas Rothschild. Já então vimos o valor destas raridades, hoje consideradas como a ultima palavra de ceramica.

Pois agora se acharam umas trinta peças, grandes e intactas! São objectos de fabuloso preço.

Será isto burla? leremos as subsquentes noticias, que, a confirmarem isto, serão curiosissimas para os amadores.

Caro passeio. — Um proprietario alemtejano, Rothschild em miniatura, mas avarento como Crespo, veiu ver os festejos reaes o Lisboa, e tendo desejos de ir ver os encantos da preconizada Cintra no dia da parada no campo Pequeno e não encontrando trem por menos de tres libras, seguiu caminho a pé logo ao amanhecer. Morto de cansasso parou depois de ter percorrido uma legua de caminho, e vendo um cantoneiro na estrada perguntou-lhe:

—Faz favor de me dizer que tempo gasto eu d'aqui a Cintra?

O cantoneiro não respondeu e seguiu atraz delle.

Ao cabo de outra legua o nosso provinciano começou a scismar se valeria a pena ir mais avante a pé para ver talvez, dizia elle, uma ficção de poetas exaltados. Então ouviu que o cantoneiro o chamava dizendo-lhe:

—O senhor gasta d'aqui a Cintra cinco horas porque lhe faltam ainda tres leguas.

—Cinco horas?! E porque me não avisou quando ha hora e meia lhe perguntei, exclamou elle maldizendo a sua sorte.

—Porque para lhe dizer o tempo que gastava precisava saber se o senhor andava bem ou mal.

O alemtejano voltou para Lisboa morto de fadiga e veiu contar o caso ao «hotel» onde recebeu geral surriada de quem o ouviu.

Retratos da joven Rainha. — Estão á venda por toda Lisboa para cima de cem edições de retratos de S. M. a Rainha.

A maioria d'elles viaram de fóra e nada se parecem com S. M.; outros são copia desses, e estão ainda peiores. De sorte que tendo-se vendido uma quantidade inculcavel de retratos para fóra de Lisboa a maioria das pessoas que os compra julgando possuir o transumpto exato daquelle suave typo de singeleza e benignidade, tem uma triste phantasia do photographo, do gravador ou do lithographo.

E' provavel que dentro em pouco haja retratos mais verdadeiros para que ninguém compre alguns dos que por ali estão á venda, que não só nada se parecem com S. M., como dão uma triste idea dos artistas que os tiraram ou copiaram.

Preferiu morte ao casamento. — (Do «Commercio do Porto.») No estabelecimento do tiro de pistola denominado «Monte-Christo», deu-se um suicidio, revestido de circumstancias extraordinarias.

Pela manhã cedo M. D., foi ao tiro na companhia de alguns amigos. Depois de ter atirado alguns tiros de pistola, retirou-se.

Voltou na manhã seguinte, atirou 35 tiros de pistola, pagou e partiu.

As 3 horas da tarde appareceu de novo, atirou 4 tiros, e quando o empregado lhe apresentou outra pistola carregada e escurvada, pediu ao empregado que fechasse a porta do jardim.

Apenas o empregado se afastou, M. D. applicou a pistola a uma fonte e disparou.

Quando correram para elle, estava morto.

Um papel que tinha na algibeira deu a conhecer o seu nome e a resolução que ha dias tinha de acabar com a vida.

Pode-se então reunir algumas informações sobre os motivos que levaram aquelle mancebo ao suicidio.

Devia casar, porém á medida que o dia do casamento se aproximava, sentia uma vaga tristeza, preoccupado pela apprehensão de que não seria feliz na vida domestica.

Por fim, resolveu matar-se, e neste proposito tomou as suas disposições. Fez testamento, em que legou a seus amigos o pouco que lhe restava, e dirigiu-se ao tiro de «Monte-Christo». Vê-se que por duas vezes lhe faltou a coragem e que só á terceira, cedendo ao seu fatal pensamento, se suicidou.

CORREIO

LISBOA 15 DE OUTUBRO

(Do nosso correspondente.)

Terminaram os festejos reaes, a cidade voltou ao seu estado normal. Já temos intrigas politicas, boatos atterradores de revolta, e agitação nos circulos politicos sobre a fallada reconstrucção ministerial.

E' voz publica que o sr. duque de Loulé desaprovava o acto praticado na sua ausencia da deportação dos soldados de caçadores n.º 3. Esta noticia gira nos circulos politicos acompanhada de outras mais ou menos destituídas de fundamento.

Ouvi que o sr. duque manifestara aos seus collegas o desgosto que lhe causara a exaggeração em que o governo olhara a revolta de Braga e que quando no conselho de Estado se tratou de amnistia, o sr. visconde de Sá da Bandeira votara para que ella não fosse completa e geral. Ouvi que a registicção estabelecida no art.º 3.º do decreto de 10 do corrente fora feita a pedido do sr. ministro da guerra.

Estes factos tem sido exaggerados cá fóra, e muita gente acredita que o ministerio á excepção do sr. duque de Loulé vae ser mudado. Ha tres dias que se falla em reconstrucção ministerial, chegando — a indicar-se nomes para a formação do novo gabinete. Entre outros indicam-se o sr. José Estevão para o reino, general Passos para a guerra, Alves Martins para a Justiça, ficando o sr. Mendes Leal na marinha. O boato que hoje me parece mais acreditavel é o da mudança dos srs. ministros da Fazenda e Justiça. Por em quanto nada ha de positivo a tal respeito.

Os officiaes implicados nos successos de Braga ficam na disponibilidade, e os sargentos são enviados para as localidades que elles preferem ficando á disposição dos respectivos generaes, pelos quaes lhes hão de ser abonados os seus vencimentos. Não entram para corpo algum estes officiaes inferiores, e parece que receberão as suas baixas logo que cheguem ás localidades para onde partem.

Por iniciativa do sr. Eugenio de Sequeira, tenente do exercito em disponibilidade, e proprietario abastado, trata-se de socorrer aquelles officiaes e sargentos por meio de uma subscripção que já se abriu no exercito, da qual são subscriptores os srs. duque de Saldanha, barão da Batalha, barão de Palme etc.

O governo recebeu um despacho telegraphico annunciando que S. A. o principe Napoleão e sua esposa a princeza Clotilde, irmã da nossa joven Rainha sahiram de Toulon no subbado de tarde com direcção a Lisboa, devendo portanto entrar no Tejo hoje de tarde, ou o mais tardar amanhã pela manhã.

Tambem o governo recebeu parte telegraphica de haver sahido de Rochefort para Lisboa no dia 4 do corrente a embaixada japoneza a bordo de um navio de guerra francez.

—Antes de hontem pelas tres horas da tarde SS. MM. El-Rei o senhor D. Luiz e sua augusta esposa a senhora D. Maria de Saboya dignaram-se de receber na sala do conselho de Estado no paço d'Ajuda as deputações da camara

municipal do Porto, e d'Elvas, e a da Assosiação commercial de Lisboa, as quaes deputações leram as allocações com que os respectivos corpos que representavam felicitaram o auspicioso enlace de SS. MM. O senhor D. Luiz respondeu graciosamente ás palavras das deputações.

—Hontem pelas duas horas da tarde El-Rei o senhor D. Luiz dignou-se de receber uma deputação do asylo de Santa Catharina composta dos dois membros da commissão do mesmo estabelecimento, me-tra e quatro asylados.

A deputação felicitou El-Rei e sua augusta esposa pelo regio consorcio, que tem sido recebido com as alegrias de todo o paiz.

As quatro creanças muito decentemente visitadas entregaram á joven Rainha uma corôa de flores, com duas fitas de «moiré», nas quaes estão bordadas a oiro as iniciaes dos nomes dos augustos esposos com a corôa sobreposta, e a legenda «asylo de Santa Catharina».

A felicitação a SS. MM. foi lida por uma das creancinhas, que pediu a El-Rei a sua protecção para o asylo.

O Rei e a Rainha acari-aram as creanças, e o senhor D. Luiz em nome de sua augusta esposa, prometteu a implorada protecção.

—Verifica-se hoje ás 6 horas da tarde o jantar diplomatico dado pelo nosso ministro dos negocios estrangeiros, na grande sala do palacio da sr.ª marqueza do Fayal ao Callariz.

Além do corpo diplomatico assistem a este sumptuoso banquete os conselheiros de Estado e outros altos funcionarios, o estado maior das esquadras surtas no Tejo, e os presidentes das principaes associações portuguezas em Lisboa.

—O banquete dado pela officialidade da armada portugueza á officialidade da esquadra italiana que acompanhou a Lisboa a esquadrilla portugueza deve ter logar no salão do Café concerto. O banquete é para 250 talheres.

—O principe Humberto tem andado a visitar com a sua comitiva os nossos principaes estabelecimentos e edificios. Hontem visitou o hospital de marinha, o arsenal do exercito, o castello de S. Jorge, offendendo serem coisas dignas, de se ver. No castello de S. Jorge provou o pão do rancho dos soldados do batalhão de caçadores n.º 5, e achou-o bom.

Hoje de manhã El-Rei o senhor D. Luiz, a Rainha, o principe Humberto, e as pessoas que formam a comitiva destes augustos personagens visitaram o edificio da imprensa Nacional, o qual é considerado o segundo da europa.

Hontem foram os mesmos personagens assistir á representação da peça «A Italia» no theatro do Gimmasio. A sala estava cheia de espectadores que saudaram a familia real. Tanto á entrada como á sahida de SS. MM. e A. subiram ao ar girandolas de foguetes.

—Perante o bispo de Leiria se acha aberto concurso pelo prazo de trinta dias, a contar de 12 do corrente para o provimento da igreja parochial de Nossa Senhora da Purificação, das Freixiandas, no concelho de Villa Nova de Ourem, para a qual se mandou abrir concurso por provas publicas por portaria de 29 de setembro ultimo.

—A folha official publica hoje a seguinte portaria relativa ás habilitações necessarias nos escrivães de fazenda.

«Convindo estabelecer providencias pelas quaes se garanta quanto possivel, a boa escolha dos individuos que houverem de ser nomeados escrivães de fazenda nos diferentes districtos do reino e das ilhas adjacentes: ha por bem S. M. El-Rei determinar, que d'ora em diante o provimento dos logares, de que se trata, seja feito por meio de concurso, perante o respectivo delegado do thesouro, por espaço de vinte dias; e que sómente sejam admittidos ao concurso os candidatos que possuam pelo menos as seguintes habilitações. 1.º—vinte annos completos de idade; — 2.º—bom comportamento moral e civil; — 3.º—ler e escrever bem, e correctamente; — 4.º—grammatica portugueza; — 5.º—arithmeticas. — O que pela secretaria d'Estado dos negocios da fazenda se participa ao conselheiro official maior e secretario geral deste ministerio, para seu conhecimento, e para que assim o faça constar a quem competir.»

—O sr. Jacintho Augusto de Santana e Vasconcellos, official ordinario do ministerio da fazenda foi encarregado de averiguar qual seja a importancia das contribuições que foram extintas, e que se pagaram ao estado anteriormente ao anno de 1832 com as denominações de quartos, oitavos, jugadas, dizimos, ou outras, e bem assim qual a importancia dos diversos rendimentos publicos e suas proveniencias antes d'aquella epoca.

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 14 de outubro

Entradas

PORTO — Hiate portuguez «Senhora da Guia», mestre Antonio d'Oliveira da Velha, 9 pessoas de tripolação, lastro.

IDEM — Cahique portuguez «Perola do Vouga», mestre J. Nunes Ramizote, 6 pessoas de tripolação, lastro.

ANNUNCIOS

Francisco de Sousa Janeiro, bacharel formado em theologia e professor d'instituições canonicas nesta cidade, annuncia que do dia 15 do corrente na rua das Arribas, ensina latim, latinidade e francez, por se achar para isso completamente habilitado, com auctorisação regia.

Quem quizer arrematar a obra d'estuque da igreja de Macenhata do Vouga, no concelho d'Aguada, compareça no adro da mesma no domingo 16 de novembro pelas 10 horas da manhã. As condições estarão patentes na sacristia da respectiva parochia.

No dia 25 do corrente parte desta cidade para a de Lisboa, o recoveiro José Pinheiro.

GUIAE MANUAL

DO

JARDINEIRO

OU

ARTE DE CULTIVAR OS JARDINS COM UMA ESTAMPA EXPLICATIVA

SEGUIDO

DA LINGUAGEM DAS FLORES, E EMBLEMA DAS CORES, BUMA

PEQUENA GUIA DO ENXOFRADOR DAS VINHAS.

Acaba de publicar-se este interessante livro que se acha á venda na livraria de Jacintho A. Pinto da Silva, rua do Almada n.º 134 Porto. Para os srs. assignantes, é o mesmo preço porem com uma bonita encadernação será remettdo cinto e franco de porte a quem enviar em estampilhas ou sellos do correio a quantia de 360 réis, custo deste folheto.

RELAÇÃO GERAL

DOS

CONDECORADOS COM A MEDALHA

DE

D. PEDRO E D. MARIA

Precedida do decreto da sua creação—do que nomeia a commissão classificadora—das instruções respectivis—e dos modelos da medalha

Já estão impressas as relações parciais n.º 1 a 12, publicadas nas ordens do exercito n.º 11 a 25.

Vende-se na rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Neta—Porto.

LISBOA—na loja do sr. Lavado.
BRAGA—na do sr. Germano.
VIANNA—na do sr. André Joaquim Percira.

COIMBRA—na do sr. José de Mesquita.

Os srs. que quizerem se lhes envie pelo correio, franco, mas dá 220 réis em estampilhas a J. L. de Sousa—Porto.

ARCHIVO JURIDICO

Publicação regular da legislação de mais interesse, tanto antiga como moderna.

EDITOR—J. L. DE SOUSA

Publicou-se o n.º 13 da 2.ª serie que contém:

Alterações na formação das matrizes—Instruções do processo das cauções—Ordem aos escrivães de fazenda para deixarem de receber 50 réis (a titulo de emolumentos) de cada documento que sellarem—Lei dos aggravos.

Vende-se e assigna-se no Porto na rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Neta, aonde se encontram collecções completas da 1.ª e 2.ª series do ARCHIVO JURIDICO, compreendendo a 2.ª serie a seguinte legislação especial —Lei da Desamortisação; —Lei do Sello; —Lei de Transmissão; —Lei do Registo; —Lei da Contribuição Pessoal; —Lei da Contribuição Industrial; —Lei da Contribuição Predial; —Lei dos Jurados, processos aos escrivães; —Lei que altera a Reforma Judiciaria; —Lei que concede serventurios aos escrivães, tabellães e revedores; —Lei e regulamento do Registo parochial; —Regulamento dos Lyceus; —Exames de habilitações e—Instruções para estes exames.

Vende-se tambem nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Braga e Vianna.

Toda esta legislação é seguida dos respectivos regulamentos, e vende-se em brochuras separadas.

N. B. Cada n.º do ARCHIVO JURIDICO custa a modica quantia de 120 réis, sendo enviado franco de porte para as provincias.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.